

ÁREA TEMÁTICA: GLOBALIZAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO DE EMPRESAS

VANTAGENS COMPARATIVAS APLICADAS AO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO: CONTEXTO GLOBAL E VIS-À-VIS OECD (1995-2005)

AUTORES

EDWARD BERNARD BASTIAAN DE RIVERA Y RIVERA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

bernard_rivera@uol.com.br

FRANCISCO AMÉRICO CASSANO

Centro Universitário Lusíada

famcassano@uol.com.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é estudar a evolução das exportações brasileiras na indústria têxtil ao longo do período 1995-2005, no qual as exportações brasileiras cresceram consideravelmente. A pesquisa se orientará pela seguinte questão-problema: o crescimento das exportações das empresas brasileiras no setor têxtil foi compensado por um aumento de suas vantagens comparativas? Tanto em âmbito global e vis-à-vis a OECD, utilizaram-se como ferramentas de análise o Índice Original de Balassa, a mensuração de Vantagens Competitivas Reveladas de Vollrath, e mais recentemente desenvolvido pelo Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales (CEPII), a abordagem de Contribuição ao Saldo. Os resultados indicam que a indústria têxtil brasileira sofreu diminuições sistemáticas em sua vantagem competitiva. Por outro lado, as exportações deste setor aumentaram significativamente em valor a partir de 2002, o que aponta que a taxa de câmbio brasileira desvalorizada tem sido mais relevante para se alavancar as exportações do que qualquer ganho de competitividade internacional. Desta forma, os resultados deste estudo reforçam a necessidade de apoio governamental a este setor, largamente composto por pequenas e médias empresas, para o aumento de eficiência produtiva e, por conseguinte, manutenção de preços internacionalmente competitivos e diminuição de riscos sem a dependência excessiva de uma taxa de câmbio desvalorizada.

Palavras-chave: Internacionalização; indústria têxtil; exportações.

Abstract

The objective of this paper is to study the evolution in the Brazilian exports in the textile industry from the year 1995 to 2005, period in which the Brazilian exports have increased significantly. We analyze whether positive and negative variations in exports from this industry is also followed by the increase or decrease in competitive advantages. For this purpose, the following tools have been used in a global context and vis-à-vis the OECD: the Original Balassa Index, Vollrath's theoretical advance in Revealed Competitive Advantage and, more recently developed by the Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales (CEPII), the Contribution to the Trade Balance approach. The results indicate that the Brazilian textile industry has undergone a systematic decrease in its competitive advantage. On the other hand, exports from the textile sector have significantly

increased in value since 2002, which points out that the devalued Brazilian exchange rate has been more relevant to boost textile exports than any increase in competitive advantage. Finally, the results reinforce the need from this sector, largely composed by small and medium enterprises, for the government support aiming for the increase in productivity, cost reduction, and, therefore, competitive international prices, as a way to diminish significantly the heavy dependence on the foreign exchange rate and risk from this sector.

Keywords: *Internationalization, textile industry, exports.*

1. INTRODUÇÃO

O Brasil, a partir dos anos 1970, acelerou o seu processo de desenvolvimento em setores básicos ampliando os investimentos de infra-estrutura e alterando o enfoque do modelo produtivo voltado exclusivamente para substituição de importações por uma produção industrial com maior valor agregado, cujos excedentes se destinariam ao exterior – provocando uma mudança estrutural interna.

Dessa mudança estrutural surge um considerável número de empresas, incluídas as de micro e pequeno porte que, a partir do processo de globalização, requisitaram um modelo de crescimento equilibrado capaz de combinar a maximização das economias de escala com a expansão de todos os setores da atividade econômica.

Assim, as micro e pequenas empresas brasileiras, que largamente compõem o setor têxtil brasileiro, foram lançadas no mercado externo sem que houvesse uma preocupação governamental que lhes proporcionasse o aumento da produtividade para redução dos custos e conseqüente obtenção de preços finais mais competitivos.

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

A pesquisa se orienta pela seguinte questão-problema: o crescimento das exportações do setor têxtil brasileiro foi compensado por um aumento das vantagens comparativas? Nessa perspectiva, o objetivo geral do trabalho consiste em estudar a evolução das exportações das empresas brasileiras no setor têxtil ao longo dos anos de 1995 a 2005 – período em que as exportações brasileiras cresceram significativamente em valor – e relacionar variações positivas ou negativas das exportações têxteis com ganhos ou declínios de vantagens comparativas brasileiras neste setor, tanto em âmbito global quanto *vis-à-vis* a OECD (*Organization for Economic Cooperation and Development*).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

- Vantagem Comparativa

No século XX, a teoria ortodoxa do comércio apontou como determinante para o padrão de comércio de um país a exportação de bens intensivos de mão-de-obra, e, em contrapartida, os países com oferta abundante de capital também seriam estimulados à produção de bens com fator intensivo de capital, sob a finalidade de exportarem o máximo dessa produção.

Heckscher-Ohlin (*apud* Machado, 1997) confirmaram, através do enunciado sobre o padrão de comércio entre duas economias, que cada país irá exportar os bens intensivos de fatores abundantes enquanto que as importações desses bens deverão estar sendo efetuados pelos países que não possuam fator abundante para a produção dos mesmos.

Por outro lado, Bhagwati (1987) demonstra a existência de dois importantes corolários: o Ricardiano, que afirma não ocorrer comércio entre países com idênticos fatores de produção, e, o de Heckscher-Ohlin, prevendo que não há espaço para o comércio entre países com a mesma dotação de fatores.

Entretanto, Krugman e Obstfeld (2005) consideram que as vantagens comparativas são influenciadas pela abundância relativa dos fatores de produção e pela intensidade relativa com a qual fatores diferentes de produção são usados na produção de bens diferentes. Assim, surgiria um forte indicador para explicar a superação das exportações de produtos industrializados brasileiros em relação aos produtos primários, ou seja, o Brasil estaria exportando produtos originados de fatores abundantes em um primeiro momento – terra e mão-de-obra – mas que foram transformados em outros bens pela disponibilidade mais intensa de um processo industrial – a soja em grão estaria abrindo espaço para óleo e o farelo de soja, o café em grão para o café solúvel, a laranja para o suco de laranja e o minério de ferro para o aço.

Ao se analisar a bibliografia para o caso brasileiro, verificou-se a existência de dois tipos de testes para se definir o padrão de comércio exterior segundo o Teorema de Heckscher-Ohlin: o que considerava a qualificação da mão-de-obra e o que enfocava a relação capital / trabalho. Os estudos efetuados por Tyler, Rocca e Barros (*apud* Machado, 1997) e por Carvalho e Haddad (*apud* Machado, 1997) permitiram concluir que o padrão de comércio brasileiro estava de acordo com Heckscher-Ohlin e que, portanto, os seus resultados foram não-paradoxais.

Quanto ao enfoque tradicional, ou seja, à relação capital/trabalho, os estudos de Hidalgo (*apud* Machado, 1997), de Sales (*apud* Machado, 1997) e de Machado (1997) não foram uniformes: Sales em duas modelagens distintas obteve resultados paradoxais; Hidalgo em sua primeira abordagem também obteve resultados paradoxais e só após uma alteração do conceito de capital veio a confirmar o modelo de Heckscher-Ohlin; apenas Machado – com dados mais atualizados em relação aos demais – confirmou que o Brasil obedeceu ao conceito das vantagens comparativas estáticas, exportando bens intensivos em seu recurso mais abundante – trabalho – e importando bens intensivos em seu recurso mais escasso – capital.

- Crescimento das exportações

Na década de 1950, quando o Brasil se propôs a executar um projeto de desenvolvimento econômico, havia algumas opções estratégicas para serem consideradas e implantadas.

A primeira, pela ordem de importância, seria a do Crescimento Equilibrado: o argumento de Rodan (1943) e Nurkse (1953) era o de que uma expansão isolada da produção não resultaria em aumento de poder aquisitivo em outros setores da economia, mas somente com uma expansão equilibrada de vários setores e aumento proporcional de poder aquisitivo aumentaria a demanda de produção dos diversos setores. Embora a argumentação técnica fosse perfeita, os resultados ao longo do tempo não têm confirmado essa certeza, parte porque as economias de escala não permitem um crescimento de determinado setor em perfeita sintonia com o crescimento dos demais setores dessa economia, tendendo para o desequilíbrio, e, também, porque a economia internacional é um componente importante para a absorção de excedentes de produção e/ou fornecimento de bens intermediários, agindo assim como importante via para a maximização das economias de escala e, inversamente, como fator desequilibrador do crescimento auto-sustentado. No caso brasileiro era inimaginável a adoção de um modelo econômico com essas características, já que requeria um

aporte de recursos indisponíveis ao país, na época, mas necessário a uma expansão de todos os setores da atividade econômica.

Uma segunda alternativa seria a estratégia de ampliação das Exportações Tradicionais: deslocar os excedentes de produção para os setores que já exportavam os seus produtos seria uma alternativa interessante, pois reforçaria ainda mais as suas vantagens comparativas. Neste caso, o mercado externo absorveria os produtos nos quais o país fosse especialista e esse mesmo mercado se incumbiria de fornecer, em contrapartida, os produtos que não fossem produzidos no país, por não se dispor de vantagens comparativas. A situação do Brasil, naquela oportunidade, apontava unicamente para uma total dependência do café. Embora as autoridades tenham se preocupado em manter estável a receita de divisas, sustentando os preços do café e obtendo relativo êxito no curto prazo – preço manteve-se em alta –, também incentivaram a produção dos concorrentes e a perda progressiva de participação do Brasil no mercado mundial de café. Dessa maneira, com o país concentrando a sua atividade externa no produto café – as exportações eram compostas ainda por insumos e matérias-primas para indústrias de outros países: açúcar, cacau, tecidos de algodão, carnes em conserva, algodão em rama, mamona, peles e couros –, que pela sua natureza não conseguiria agregar outros produtos a si mesmo ou à própria pauta, não seria possível ao país concentrar os excedentes de outros setores e, conseqüentemente, não poderia manter-se somente com as exportações tradicionais.

Uma terceira alternativa envolveria o estímulo às Exportações Não Tradicionais: esta seria a alternativa mais interessante para o país, uma vez que possibilitaria desenvolver-se novos setores cuja principal demanda seria determinada pelo mercado externo. Caberia ao mercado interno também se aproveitar desses novos produtos, mas não com a responsabilidade de absorver a totalidade da produção e sim como alternativa marginal, até que a economia interna se desenvolvesse e equilibrasse o consumo desses produtos. Outro ponto importante a favor dessa estratégia seria a possibilidade da receita obtida com o acréscimo das exportações – de produtos não tradicionais – vir a financiar a aquisição de insumos para todos os setores, a preços mais competitivos, no mercado externo. Para a economia brasileira desenvolver novos setores, na época, era necessário um volume considerável de recursos que não estavam disponíveis, face à crise do setor externo pela qual o país passava – conforme citado na opção Crescimento Equilibrado. Ademais, o setor industrial, que seria o setor a responder mais rapidamente a este tipo de estratégia, era composto por empresas de pequeno porte cuja capacidade de produção era mínima diante de um provável pedido gerado pelo mercado externo.

Por fim, a quarta alternativa era aprofundar o processo de Substituição de Importações: esta era a alternativa que apresentava um maior impacto para a aceitação geral, principalmente pelo momento político vivido à época, com predominância dos nacionalistas – segundo Baran (1997), movimento sob a forma de frente unida que juntava as mais diferentes classes sociais – que consideravam, como solução ideal para o desenvolvimento do país, a instalação de novas indústrias para produzir bens de consumo anteriormente importados. A geração de empregos, a utilização de mão-de-obra desqualificada – com possibilidade futura de vir a se qualificar, conforme a nova divisão internacional do trabalho –, a existência de matérias-primas – ou a possibilidade de obtê-las por processos industriais também locais – e o aumento da renda com base no aumento da produção interna, eram argumentos fortíssimos para a adoção dessa estratégia.

4. METODOLOGIA

Anterior à introdução por Balassa de seu famoso índice de vantagens comparativas reveladas (*Revealed Competitive Advantage* – RCA), Liesner (1958) havia contribuído para a

literatura empírica da RCA. Desta forma, o trabalho de Liesner consiste no primeiro estudo empírico desta área. Segue a medida proposta por Leisner:

$$RCA = X_{ij} / X_{nj}$$

onde X representa exportações, i define um país, j é a commodity (ou setor) em análise, e n determina um conjunto de países.

Para se detectar RCA, o índice mais comum é o sugerido por Balassa (1965), que utiliza a parcela das exportações mundiais em um setor específico para se “normalizar” a respectiva parcela de cada país nas exportações totais de tal setor.

Deste modo, considera-se que a economia mundial compreende n países e t setores. As exportações do país i pelo setor j são denominadas por x_{ij} e as exportações totais do país i são dadas por $X_i = \sum_{j=1}^t x_{ij}$. As exportações mundiais do setor j são $x_{wj} = \sum_{i=1}^n x_{ij}$, enquanto as exportações totais mundiais podem ser observadas como o somatório de todos os setores ou de todos os países, $X_w = \sum_{j=1}^t x_{wj} = \sum_{j=1}^n X_i$.

Utilizando-se as estruturas de exportação relativa, o índice sugerido por Balassa (1965) pode ser expresso como:

$$B_{ij} = \frac{\frac{x_{ij}}{X_i}}{\frac{x_{wj}}{X_w}} \text{ para todos os países } i = 1, 2, \dots, n; \text{ e produto } j = 1, 2, \dots, t.$$

Se a parcela do setor j nas exportações totais do país i for maior do que a parcela equivalente do setor j nas exportações mundiais, i.e. $\left(\frac{x_{ij}}{X_i}\right) > \left(\frac{x_{wj}}{X_w}\right)$, então $B_{ij} > 1$ e o país i é classificado como detentor de uma vantagem comparativa revelada no setor j .

Desta forma, a simplicidade e a natureza altamente intuitiva do índice de Balassa explica sua larga utilização. Desde então, a definição da RCA sugerida por Balassa foi revisada e modificada, de tal forma que um grande número de medidas existe atualmente.

Vollrath (1991) apresenta uma mensuração alternativa de RCA, incluindo-se os termos de exportações relativa (*Relative Export Advantage* – RXA), que equivale ao índice de Balassa, e de vantagem de importações relativa (*Relative Import Advantage* – RMA). Desta forma, calcula-se a representação relativa das exportações e importações de um país em um setor comparada à representação média de tal indústria no comércio total da amostra:

$$RCA_k^i = RXA_k^i - RMA_k^i$$

onde $RXA_k^i = (X_k^i / X_n^i) / (X_k^r / X_n^r)$ e RMA_k^i é definida analogamente. X_k^i são as exportações totais (respectivamente, importações) de um país i na indústria k . Superescrito r denota todos as nações exceto o país i , e o subscrito n refere-se a todos os setores exceto a indústria k .

Esta medida é uma modificação do índice de especialização construído por Balassa (1965). Compara-se a parcela de comércio de um país à parcela média do restante da amostra,

excluindo-se o país e o produto em consideração. Desta forma, o problema de dupla contagem é evitado, e a natureza do comércio, que é uma troca bilateral de bens entre dois países, é melhor refletida.

Um índice positivo revela uma vantagem competitiva na indústria específica, ou *market-share* acima da média, enquanto que um índice negativo revela uma desvantagem competitiva. Cada componente do RCA assume valores entre zero e a infinidade, com valores superiores à unidade indicando uma especialização de exportações ou importações no setor em análise, e valores inferiores à unidade indicando fluxos comerciais abaixo da média. Este índice foi aplicado por Bender e Li (2002) e por Eiteljörge e Hartmann (1999).

Na década de 1980, o *Centre d'Etudes Prospectives et d'Informations Internationales* (CEPII, 1983) desenvolveu um outro indicador de vantagens comparativas baseado em saldos comerciais e não apenas em fluxos de exportações, denominado “Contribuição ao Saldo” (*Contribution to the Trade Balance – CTB*), posteriormente avançado por Lafay (1990, 1994):

$$CTB_i^j = \left(\frac{1000}{\sum_j (X_i^j + M_i^j)} \right) \left[(X_i^j - M_i^j) - \sum_j (X_i^j - M_i^j) \left(\frac{X_i^j + M_i^j}{\sum_j (X_i^j + M_i^j)} \right) \right]$$

Caso não houvesse vantagens ou desvantagens comparativas para qualquer produto *k*, então a balança comercial de um país (supervitória ou deficitária) deveria ser distribuída através de todos os setores de acordo com sua parcela no comércio total deste país. No entanto, o índice de Contribuição ao Saldo é a diferença entre o saldo comercial observado em relação a esta balança teórica equânime na ausência de especialização.

Dessa forma, um país apresentará vantagens comparativas em determinado grupo setorial quando o indicador CTB for positivo. Caso contrário, seu resultado apresentará um valor negativo. Por definição, o somatório dos índices CTB de todos os setores é zero. Este índice foi utilizado por Amendola *et al.* (1992), Amable (1997) e Guerrieri (1997) e será aplicado neste estudo

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Aplica-se os índices Balassa, RCA de Vollrath (1991) e de Contribuição ao Saldo, de forma a se verificar se variações nas exportações de produtos têxteis brasileiros são explicadas por vantagens ou desvantagens comparativas de diferentes naturezas segundo a construção específica de cada forma de mensuração apresentada na seção anterior, levando-se em consideração tanto o Brasil no âmbito global e *vis-à-vis* a OECD, conforme Tabela 1 e 2 a seguir

Tabela 1 – Abordagem Bela Balassa aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

ANO	GLOBAL	1995 = 100	Δ%	BILATERAL OECD	1995 = 100	Δ%
1995	0,7283	100		0,8494	100,00	
1996	0,7459	102,42	2,42%	0,8580	101,02	1,02%
1997	0,6922	95,05	-7,20%	0,7988	94,04	-6,91%
1998	0,6396	87,82	-7,61%	0,7413	87,28	-7,19%
1999	0,6669	91,58	4,28%	0,7477	88,02	0,85%
2000	0,6691	91,88	0,33%	0,7643	89,98	2,23%
2001	0,6103	83,81	-8,79%	0,6969	82,04	-8,82%

2002	0,5853	80,37	-4,10%	0,6735	79,29	-3,35%
2003	0,6603	90,67	12,82%	0,7653	90,10	13,63%
2004	0,6079	83,47	-7,93%	0,7040	82,89	-8,01%
2005	0,5781	79,37	-4,91%	0,6920	81,47	-1,71%

Fonte: Cálculos dos autores utilizando-se a base de dados da World Trade Organization.

Tabela 2 – Abordagem RCA de Vollrath e de Contribuição ao Saldo (CTB) aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

ANO	VOLLRATH GLOBAL	VOLLRATH BILATERAL OECD	CTB
1995	-0,1236	-0,2290	-1,8281
1996	0,0605	-0,0120	0,7669
1997	0,0170	-0,0522	0,1691
1998	0,0039	-0,0397	0,0174
1999	0,0005	-0,0904	-0,0906
2000	-0,0921	-0,2435	-1,2550
2001	-0,0770	-0,2022	-1,0479
2002	-0,1228	-0,2421	-1,5774
2003	-0,0224	-0,1229	-0,3859
2004	-0,1480	-0,2791	-1,6531
2005	-0,2265	-0,3677	-2,2057

Fonte: Elaboração e cálculo dos autores utilizando-se a base de dados da World Trade Organization.

Com base dos resultados obtidos, elaboram-se gráficos de forma a se analisar tendências de vantagens comparativas juntamente com o desempenho das exportações, conforme Figuras 1 e 2 a seguir.

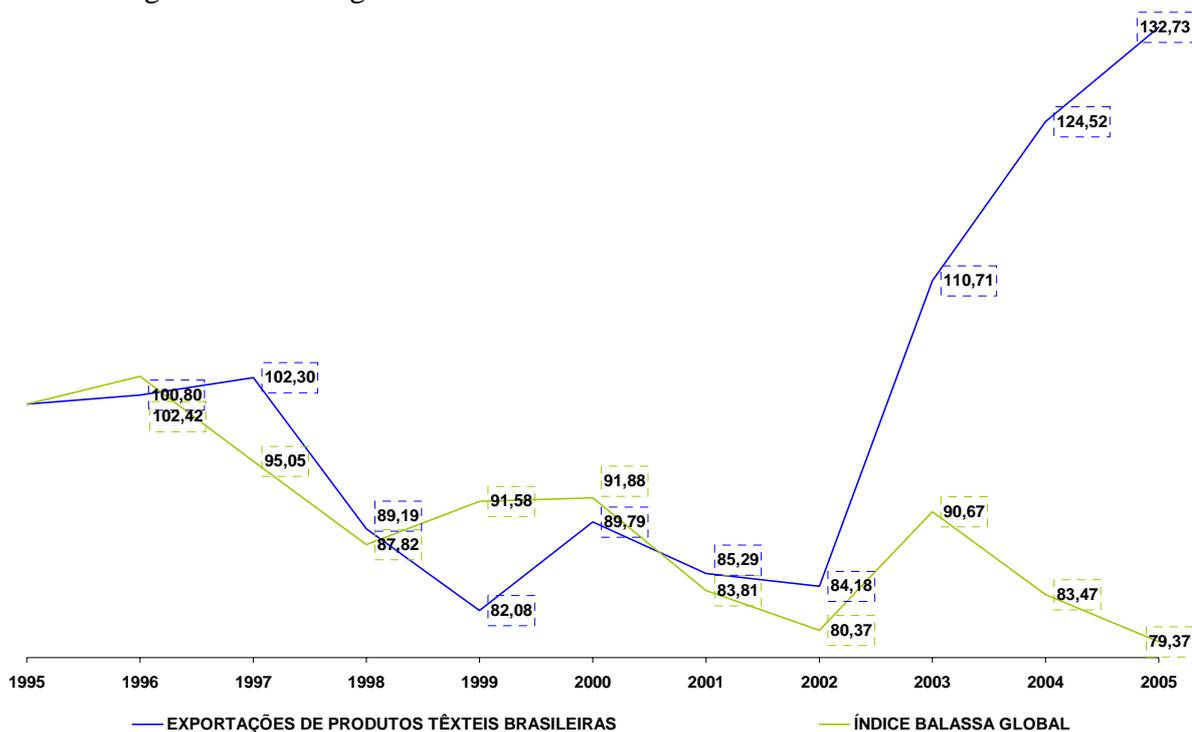


Figura 1 – Abordagem Bela Balassa global aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

Fonte: Cálculos dos autores e dados da WTO.

Em relação à abordagem Bela Balassa aplicada ao setor têxtil no Brasil, observa-se que, até o período de 2002, variações nas exportações ocorriam de maneira condizente com as variações em vantagens competitivas. Desta forma, quedas sistemáticas nos valores das exportações foram também acompanhadas por quedas nas vantagens comparativas. A partir deste período de 2002, verifica-se que houve um aumento constante nas exportações sem a contrapartida no aumento das vantagens competitivas, que vêm sofrendo constantes quedas desde o ano de 2003.

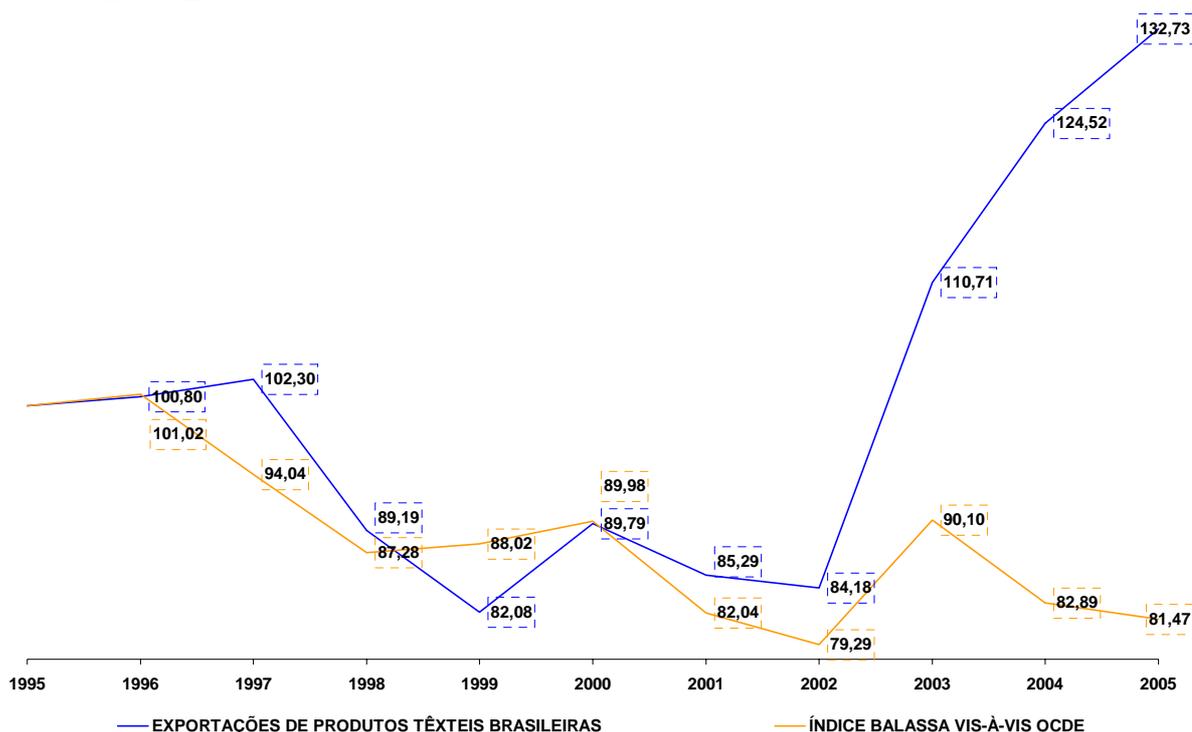


Figura 2 – Abordagem Bela Balassa vis-à-vis OCDE aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

Fonte: Cálculos dos autores e dados da WTO.

Analisando-se a abordagem Bela Balassa vis-à-vis a OECD, ou seja, considerando-se somente os fluxos que ocorrem pelas nações subjacentes, mas não limitado ao comércio entre Brasil e países-membros da OECD, verifica-se uma tendência similar, não apresentando quedas visíveis nas vantagens comparativas em relação à OECD em comparação com o país em âmbito global. Sugere-se que isso ocorre pelos principais parceiros comerciais do Brasil serem países-membro da OECD.

Assim, apresentam-se graficamente os desempenhos de vantagens comparativas do Brasil, segundo as abordagens RCA e CTB, conforme Figuras 3 e 4 a seguir.

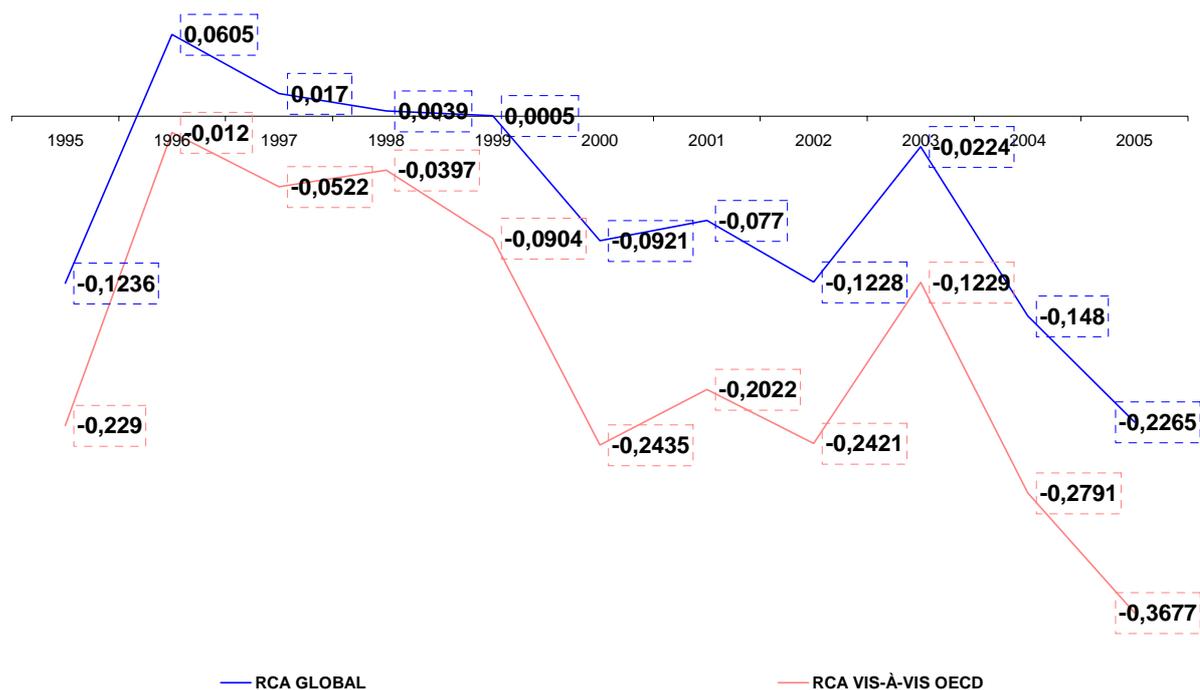


Figura 3 – Abordagem RCA de Vollrath aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

Fonte: Cálculos dos autores e dados da WTO.

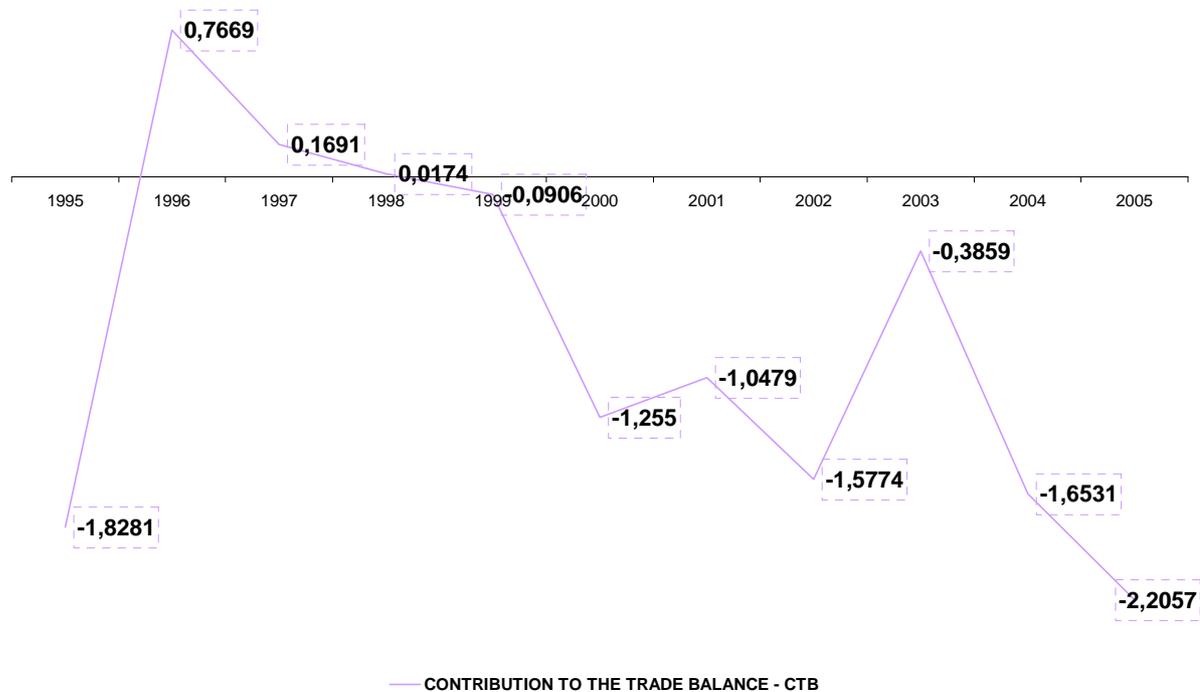


Figura 4 – Abordagem CTB aplicada ao setor têxtil no Brasil (1995-2005).

Fonte: Cálculos dos autores e dados da WTO.

Aplicando-se tanto a abordagem RCA elaborada por Vollrath (1991), que evita a dupla contagem, além de se considerar também as importações, quanto a abordagem de Contribuição ao Saldo, observa-se que se ambos os resultados se comportam de maneira similar ao índice Balassa, captando-se “melhoras” (resultados mais próximos de zero e, por conseguinte, de um resultado positivo que indicaria a RCA) de 2002 a 2003, e quedas sistemáticas na RCA a partir desse período. Verifica-se que aumentos regulares nas exportações a partir de 2002 não é condizente com aumento de vantagens comparativas, mas, segue, ao invés, a lógica do desempenho da taxa de câmbio, que sofreu desvalorizações sistemáticas a partir desse período, aumentando por essa via a atratividade dos produtos têxteis brasileiros em âmbito global.

CONCLUSÕES

Este trabalho buscou analisar as Vantagens Comparativas do Brasil no setor têxtil em âmbito global e vis-à-vis a OECD, em busca de tendências nos diferentes índices apresentados que pudessem justificar as variações nas exportações. Em outras palavras, aumentos (diminuições) das exportações brasileiras podem ser explicadas por ganhos em vantagens comparativas? Analisou-se os anos 1995-2005, que compreende o período de estabilização econômica pós implementação do Plano Real, e o período mais recente disponível oferecido pela base de dados da *World Trade Organization* (WTO) em relação ao comércio de produtos têxteis.

Verifica-se, portanto, que períodos vantagens competitivas reveladas são aqueles entre os anos de 1995 e 1998, como revelados pelos índices RCA de Vollrath (1991) e de Contribuição ao Saldo seguidos por diminuições sistemáticas nas vantagens comparativas e, por outro lado, aumentos consistentes e significativos nas exportações a partir de 2002. Considerando-se somente o índice Balassa, não houve vantagens comparativas durante o período observado, dado que todos os resultados obtidos são inferiores à unidade.

Interpreta-se que os diferentes índices de vantagens comparativas aplicados não levam em conta explicitamente possíveis aumentos de produtividade, mas somente fluxos comerciais, comparando-se sua parcela de exportações ou saldos comerciais ao comércio mundial ou com pauta de comércio exterior de determinado país. Por outro lado, aumentos sistemáticos das exportações sem a contrapartida em aumentos de vantagens comparativas sugerem que a ferramenta cambial tem sido mais efetiva para alavancar as exportações do que melhorias estruturais do setor produtivo têxtil brasileiro, composto largamente por micro e pequenas empresas.

Conclui-se, portanto que torna-se necessário o apoio governamental que proporcione a esse setor o aumento da produtividade para redução dos custos e conseqüente obtenção de preços finais mais competitivos sem a dependência excessiva da ferramenta cambial.

BIBLIOGRAFIA

AMABLE, B. The effect of foreign trade specialisation on growth: Does specialisation in electronics foster growth?. *Conference on Trade, Economic Integration and Social Coherence*, Vienna, Austria. Janeiro, 1997.

AMENDOLA, M.; GUERRIERI, P; PADOAN, P. International Patterns of Technological Accumulation and Trade. *Journal of International and Comparative Economics*, Vol. 1, pp. 173-197, 1992.

BALASSA, B. Trade Liberalisation and 'Revealed' Comparative Advantage. *The Manchester School*, 33, p. 99-123, 1965.

BARAN, Paul A. *A Economia Política do Desenvolvimento*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1977.

BENDER, Siegfried; LI, Kui-Wai. The Changing Trade and Revealed Comparative Advantages of Asian and Latin American Manufacture Exports. *Yale Economic Growth Center Discussion Paper No. 843*. 2002.

BHAGWATI, J. *International Factor Mobility – Essays in International Economic Theory*. Vol. 2, Massachusetts: The MIT Press, 1987.

CENTRE D'ETUDES PROSPECTIVES ET D'INFORMATIONS INTERNATIONALES - CEPII: *Economie Mondiale: la montée des tensions*, Paris, 1983.

EITELJÖRGE, U.; HARTMANN, M. Central-Eastern Europe Food Chains Competitiveness. In: *The European Agro-Food System and the Challenge of Global Competition*, Rome, 1999.

GUERRIERI, P. The changing world trade environment, technological capability and the competitiveness of the European Industry. *Conference on Trade, Economic Integration and Social Coherence*, Vienna, 1997.

KOLLMAN, K.; MILLER, J.; PAGE, S. Adaptive parties in spatial elections. *American Political Science Review*, 86, p. 929–937, 1992.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. *Economia Internacional: Teoria e Política*. Tradutor técnico Eliezer Martins Diniz. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2005.

LAFAY, G. La mesure des Avantages Comparatifs révélés : exposé de la méthodologie du CEPII. *Économie Prospective Internationale*, p. 27-43, 1990.

LAFAY, G. The measurement of revealed comparative advantages, dans Dagenais, M.G., Muet, P. A. (Ed.), *International Trade Modelling*, Londres, Chapman & Hall, 1994.

LIESNER, H.H. The European Common Market and British Industry. *Economic Journal*, 68, p. 302-16, 1958.

MACHADO, Danniell Lafetá. *A Qualificação da Mão-de-Obra no Comércio Internacional Brasileiro: um Teste do Teorema de Heckscher-Ohlin*. Rio de Janeiro: BNDES, 1997 (Dissertação de Mestrado, 1o. lugar no 20o. Prêmio BNDES de Economia).

NURKSE, R. *Problems of Capital Formation in Underdeveloped Countries*. Basil Blackwell, Oxford, 1953.

ROSENSTEIN-RODAN, Paul N. Problems of Industrialization in Eastern Europe and South-Eastern Europe. *Economic Journal* 53, June 1943. Reproduzido in Agarwala, A. N. e S. P. Singh, (orgs.) *The Economics of Underdevelopment*. Nova York: Oxford University Press, p. 245-255, 1958

VOLLRATH, T.L.. A Theoretical Evaluation of Alternative Trade Intensity Measures of Revealed Comparative Advantage. *Weltwirtschaftliches Archiv*, 130, p. 265–279, 1991.

WILLIAMSON, John. *A Economia Aberta e a Economia Mundial - Um Texto de Economia Internacional*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

WORLD TRADE ORGANIZATION. *International Trade Statistics*. Disponível em: <http://www.wto.org/english/res_e/statis_e/statis_e.htm#database>. Acesso em: jun. 2007.